

Os dois livros seguintes ocupar-se-ão, logicamente, da preparação do filósofo. Depois de enumerar as qualidades que o recomendam para ocupar os lugares de chefe e de analisar as causas do desfavor em que geralmente é tido, principia a esboçar a maneira de formar os guardiões (502c-d), a fim de eles procurarem alcançar o saber mais elevado (megiston mathema — 505a), cujo objecto é a ideia do bem, a ideia⁶⁹ suprema que torna inteligível o mundo.

pensamento entre outras escolas, equipado com doutrinas expressas em formulas convenientemente sistematizadas», mas, «no fundo, um homem com capacidade para o abstracto» (ibidem, p. 282), ou melhor ainda, na expressão de J. E. Raven (*Plato's Thought in the Making*, p. 128), «nada menos do que o homem perfeito, que une na sua pessoa todas as virtudes humanas que possam conceber-se».

⁶⁹ Mantemos, apesar de todos os seus inconvenientes, a versão tradicional (que é afinal uma transliteração) da palavra grega *idea* ou *eidos* (uma excepção em 486d; cf. n. 1 ao Livro vi). A moderna crítica inglesa prefere geralmente dizer «forma» (*form*), para salientar o aspecto visual que determinou a escolha desse vocabulário (c.g., J. Ferguson, *Plato's Republic Book X*, p. 127: «eidos significa basicamente o aspecto que uma coisa tem»). N. R. Murphy (*The Interpretation of Plato's Republic*, p. 130) entende que Platão usou a palavra como simples meio abreviado de se referir à «coisa em si», «o que cada coisa é». Mas talvez a definição mais rigorosa continue a ser a que deu R. L. Nettleship em 1880 (*The Theory of Education in Plato's Republic*, p. 109): «Ao elemento de realidade que o seu espirito descobre ou supunha em toda a parte, por trás das aparências e alterações que a sensação nos mostra, deu o nome de forma».

Para uma discussão clara e precisa sobre as dificuldades do problema, leia-se R. C. Cross and A. D. Woodley, *Plato's Republic A Philosophical Commentary*, pp. 178-179.

Toda esta parte constitui o que J. E. Raven designou por o «Ensaio sobre o Bem», definido este último do seguinte modo: «O Bem, para Platão, é, em primeiro lugar, e com mais evidência, a finalidade ou alvo da vida, o objecto supremo de todo o desígnio e toda a aspiração. Em segundo lugar, e mais surpreendentemente, é a condição do conhecimento, o que torna o mundo inteligível e o espírito inteligente. E em terceiro, último e mais importante lugar, é a causa criadora que sustenta todo o mundo e tudo o que ele contém, aquilo que dá a tudo o mais a sua própria existência»⁷⁰. Um triplice simile⁷¹ vai tornar a doutrina mais compreensível, explicando a relação entre o mundo visível e o mundo inteligível.

Poucos passos da República têm sido tão vivamente discutidos como estes, quer em si mesmos, quer nas relações entre os três. Essa longa discussão, não a vamos renovar aqui⁷².

⁷⁰ *Plato's Thought in the Making*, p. 130.

⁷¹ O processo é tradicionalmente designado por simile nos dois primeiros exemplos, embora N. R. Murphy (*The Interpretation of Plato's Republic*, pp. 156-158) negue energeticamente a propriedade dessa nomenclatura em relação ao segundo. Outros preferem dizer alegoria, mas o nome só se aplica perfeitamente ao terceiro exemplo. Note-se que Platão chama εἶκον (imagem) à alegoria da Caverna (vii, 517a,d).

⁷² A discussão dos principais pontos de vista, designadamente, o tradicional (de R. L. Nettleship e outros), o ataque a este por J. Ferguson in *Classical Quarterly*, 1921, e, mais recentemente o de N. R. Murphy na mesma revista, 1934, retomado no seu livro *The Interpretation of Plato's Republic*, e o de J. E. Raven, também naquella publicação periódica, 1933, e depois no livro *Plato's Thought in the Making*, encontra-se exposta com toda a clareza em R. C. Cross and A. D. Woodley, *Plato's Republic. A Philosophical Commentary*, pp. 196-230. Sintomático da dificuldade de chegar a uma conclusão segura é, como esses professores de filosofia reconheceram, ser essa a única parte do livro em que os dois autores não estão de acordo (p. 227).